

10 ANÁLISE

11

Sexta-feira | 15 de novembro de 2024 | Negócios

# É o fim do domínio do Ocidente?

A história mostra que, ciclicamente, os impérios caem por terra. Foi assim com os romanos, os persas, os mongóis, entre outros. Nos últimos três séculos, o Ocidente ocupou esse espaço de força dominante no mundo, enquanto modelo político, económico e de valores. Mas a verdade é que esse domínio está em decadência. E pode ficar ainda mais enfraquecido com Trump na Casa Branca. Hoje, a influência dos EUA e da Europa no mundo é menor. Por isso, outras potências estão a tentar impor-se, em diferentes geografias. Dois historiadores – António José Telo e Bruno Cardoso Reis – apontam as fragilidades deste gigante com pés de barro.

“

Conseguirá o Ocidente ser novamente grande?” É com esta pergunta que os académicos Peter Heather e John Rapley começam o seu livro “Porque caem os Impérios”, recentemente lançado em Portugal pela Presença.

A questão remete-nos para o “slogan” de campanha de Donald Trump “Make América Great Again”, que, em si mesmo, admite uma perda de poder dos EUA. Esse sentimento de fraqueza terá sido um dos motivos que levaram tantos americanos a votar em Trump outra vez. O futuro Presidente dos Estados Unidos prometeu trazer de volta a “glória” perdida. Será que vai conseguir?

Os autores acreditam que não. Peter Heather dirige o departamento de História Medieval do King’s College, em Londres, e estuda sobretudo as épocas romana e pós-romana, e John Rapley, economista político e professor na Universidade de Cambridge, investiga o impacto da globalização no mundo contemporâneo em desenvolvimento. Ambos conseguem ver hoje sinais semelhantes aos que outros impérios viveram no seu período de queda.

“Há um ciclo de vida dos impérios que começa com o desenvolvimento económico”, escrevem. E foi precisamente assim que o Ocidente (Estados Unidos e Europa) se impôs no mundo. Os autores recuam no tempo e explicam que, nos últimos dois séculos, o Ocidente “deixou de ser apenas mais um dos diversos atores de uma emergente economia global, para alcançar oito décimos da produção mundial”.

Esta pujança económica deu ao Ocidente o estatuto de referência mundial também em áreas como a política, a cultura e a sociedade em geral. “Quase por toda a parte, o Estado-nação, produto da evolução interna da Europa, transformou-se no pilar fundamental da vida política”, dizem. O inglês tornou-se a língua franca no comércio global e na diplomacia; as universidades ocidentais tornaram-se “mecas dos aspirantes a intelectuais de todo o mundo” e os filmes de Hollywood e o futebol europeu ganharam amantes à escala global.

Na economia, “o mundo depositava os seus excedentes nos bancos ocidentais, com a libra, e depois o dólar, a substituírem o ouro enquanto lubrificante do comércio entre nações”.

Contudo, a crise financeira de 2008 marcou a viragem, porque “a quota ocidental da produção mundial desceu de 80% para 60% e, desde então, tem continuado a diminuir, se bem que mais lentamente”.

Ao mesmo tempo que tudo isto acontecia, começavam a surgir outros modelos no mundo. Designadamente, “o planeamento central autoritário do Estado chinês”, que foi começando a tornar-se mais influente, consolidado numa economia que, “ao longo dos últimos quarenta anos, registou um surpreendente crescimento médio anual per capita superior a 8%”.

Para o historiador Bruno Cardoso Reis, em termos económicos, os EUA não estão em decadência, porque não perderam peso em termos da economia mundial. A Europa, sim, está em queda.

Mas, em termos de geopolítica, depois do colapso da União Soviética, em 1991, a China impôs-se e “tem a ambição e os meios para ser uma grande potência global em todos os domínios – económico, tecnológico e militar”.

O que está a acontecer é que “potências como a China, a Índia, a Indonésia, a África do Sul ou o Brasil, que estão agora economicamente mais fortes, estão menos predispostas a olhar para o Ocidente como o modelo a seguir, como aconteceu nos anos 1990”, explica o investigador do CEI-Iscte – Centro de Estudos Internacionais.

Hoje, o Ocidente, no seu conjunto, tem menos capacidade de influenciar, tem um papel mais contestado e mais disputado. E, embora Trump se defina como “o grande defensor da civilização ocidental”, atua de forma a “agravar um dos problemas que geralmente leva à queda das grandes potências, que é a fragmentação interna”.

Ora, um país extremamente dividido, polarizado, com conflitos políticos internos, “vai estar muito menos disponível e capaz de ter uma ação assertiva a nível externo”. Isso não aconteceu só na era Trump, ressalva. É uma tendência que vem desde a administração Obama e que se manteve com Joe Biden. Afinal de contas, “não querer de forma alguma envolver tropas americanas num conflito armado é, objetivamente, uma limitação do poder de uma grande potência”.

O Ocidente também tem perdido a sua “aura” ao passar ao mundo uma imagem de uma profunda divisão nas democracias, o que está a “restaurar a liderança autoritária a credibilidade perdida”, afirmam, no seu livro, Peter Heather e John Rapley.

Os autores recorrem ao exemplo do império romano para identificar alguns pontos comuns nesta decadência. “Os impérios nas-

continua



## 12 ANÁLISE

13

continuação

cem para gerar novos fluxos de riqueza destinados a um centro imperial dominante, embora, ao fazê-lo, também criem riqueza nas províncias conquistadas e em alguns territórios mais periféricos (que não estão formalmente colonizados, mas são absorvidos para as relações económicas respeitantes a este centro em desenvolvimento). Só que, neste modelo, há consequências políticas. Desde logo, porque “qualquer concentração ou fluxo de riqueza poderá ser um potencial bloco de construção de uma nova potência política para quem o souber aproveitar”. Ou seja, em algum momento, o domínio dessa potência imperial será posto em causa.

Assim, escrevem os autores, não será possível fazer com que o Ocidente “seja grande outra vez”, porque o “o próprio domínio do Ocidente, durante os últimos séculos, redistribuiu os blocos de construção do poder estratégico global sobre os quais esta ‘grandeza’ foi edificada”.

**OS SINAIS DA QUEDA**

O historiador António José Telo defende que “já estamos na fase final da decadência” do Ocidente enquanto “sistema político” ou “regime”. O diagnóstico do professor catedrático jubilado da Academia Militar baseia-se em alguns “sintomas”. Um deles é “a necessidade de definir uma espécie de verdades divinas”, coisas que são inatacáveis, que não podem ser postas em causa, em qualquer circunstância. “O mundo mudou drasticamente, mas diz-se: não, não, isto é inatacável porque vem dos pais fundadores, e quem o fizer está a praticar um crime e vai para tribunal. Então, recorre-se à lei e transforma-se um debate político numa questão jurídica e legal, como forma de defesa”.

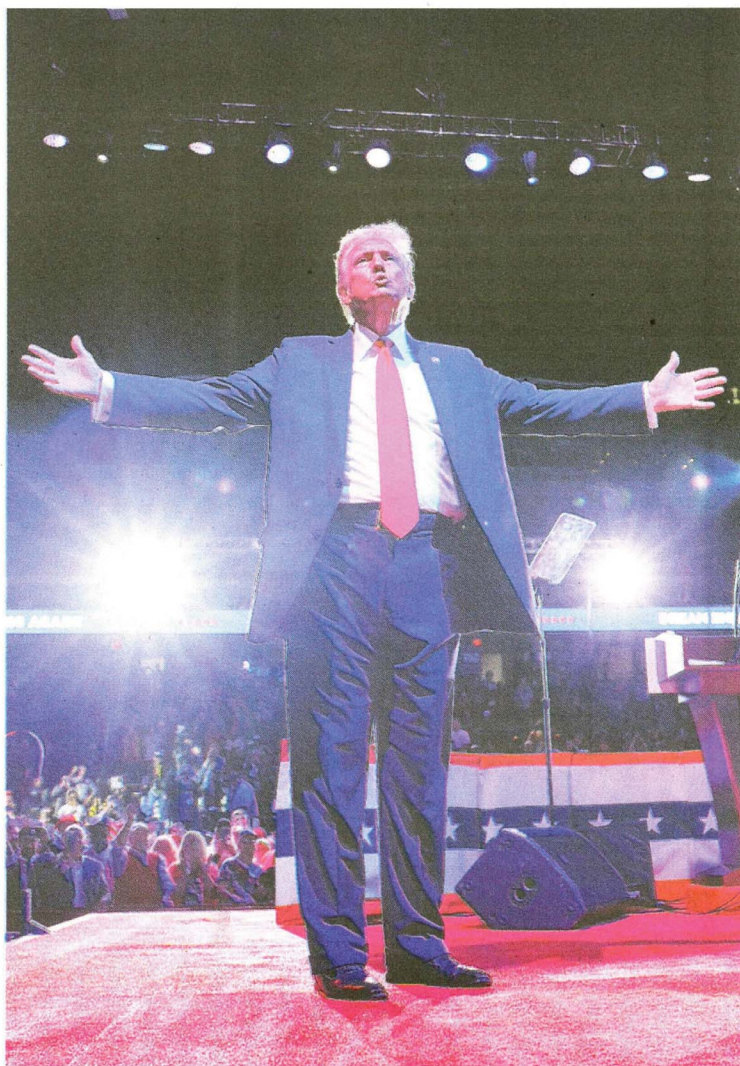
Recorre ao exemplo da Roma Antiga para fundamentar este raciocínio. “Nos seus períodos de pujança e de força, o Império Romano aculturava as populações que ocupava. Essas populações deixavam-se aculturar, porque o que lhes chegava era um símbolo de progresso, de uma vida melhor. Na fase da decadência, aconteceu o contrário. O Império não conseguia defender as suas fronteiras, abriu-as às invasões dos bárbaros, e estes entraram em tão grande número que não eram aculturáveis, criando focos de resistência que minaram e subverteram a lógica do Império”. Para se defender, o império romano recorreu, justamente, às verdades que não podiam ser discutidas.

Outro sintoma de decadência que o historiador deteta, ligado ao primeiro, é o facto de as questões legais terem assumido um protagonismo que nunca tiveram. “Altos responsáveis políticos, religiosos, militares..., de repente, têm os mais diferentes tipos de processos em tribunal”. Foi o que aconteceu com Trump quando terminou o primeiro mandato, que foi condenado em vários desses processos. “Os tribunais passam a ser o centro de uma discussão” que, em vez de ser política, “transformou-se numa discussão jurídica”, refere. Este é um sinal de decadência, porque “quando os regimes estão decadentes, a corrupção aumenta”.

Outro sinal de decadência apontado pelo historiador é o aumento da insegurança. “O Estado tem dificuldade em exercer os seus poderes soberanos nas chamadas ‘ilhas do caos’, que se estão a acentuar em todo o Ocidente”. Por exemplo, um terço do México está entregue aos grupos de narcotráfico, diz. Mas o problema também é evidente na Europa. “Até há bem pouco tempo, em França, era raro o mês em que não havia luta de ruas, com mortes e com feridos”.

Apesar de tudo, “não se pode confundir queda do regime e mudança de regime com desaparecimento do poder de um Estado”. Dá como exemplo a França, que passou por uma revolução, mudou radicalmente o regime e, “passado pouco tempo, estava mais forte do que antes e até dominava grande parte da Europa”.

O que pode acontecer agora? O historiador aponta dois caminhos possíveis. Um deles é um movimento de regeneração, “que é pegar no essencial, nos valores, nas suas origens, e fazê-los renascer criando um regime renovado, ac-



Brian Snyder/Reuters

**Trump define-se como “o grande defensor da civilização ocidental”, mas agrava um dos problemas que levam à queda das grandes potências: a fragmentação interna”, aponta o historiador Bruno Cardoso Reis.**

bando com as deturpações dos valores iniciais. A outra possibilidade é haver uma revolução. Ou seja, “os fatores que contribuem para a decadência impõem-se e provocam um abalo que derruba o regime, sendo imprevisível o que vem a seguir. A única certeza é que será um período de grande confusão e de grande caos”.

Neste contexto, Trump aparece como “um dos proponentes da renovação”, diz o historiador. A questão é se será “uma renovação mantendo, no essencial, os valores de base, mas renovados ou se irá mais longe. Depende muito das circunstâncias”. Para já, a sua intenção parece ser “a renovação com o reforço do peso internacional do país”. É que “uma coisa é o que se diz nas campanhas eleitorais, outra é o que se faz”. O historiador acredita que, por exemplo, em relação à Ucrânia, vamos assistir a “uma alteração do discurso de Trump nos próximos meses”, sobretudo a partir do momento em que tomar posse como Presidente dos EUA, o que só acontecerá em finais de janeiro. Quando assumir o cargo, vai ser posto perante “a realidade da interligação de uma grande estratégia” política, em que “não se pode dar um passo independente dos outros todos, tem de se coordenar tudo”.

Os EUA apontam a China como o grande rival nesta disputa pelo poder. Mas Bruno Cardoso Reis não acredita que o gigante asiático tenha condições, para já, para “criar um bloco suficientemente coeso para substituir o papel do Ocidente” no mundo. O que lhe parece mais provável é assistir a uma multiplicação de conflitos, inclusive armados. “Quando há vazios de poder, geralmente estes são ocupados por outras potências, e isso muitas vezes gera conflitos para saber quem é que vai ocupar esse lugar”. ■